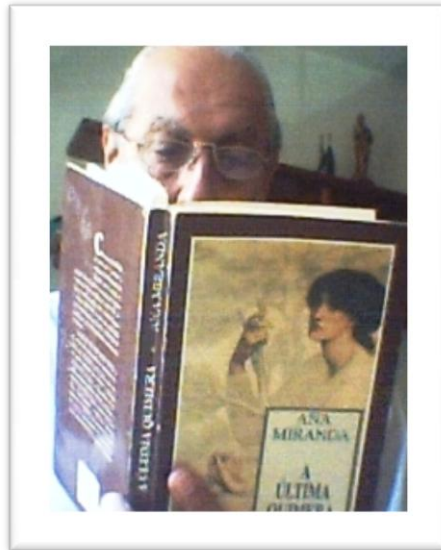
Salomão Rovedo

Ana Miranda
A última quimera

Ana Miranda: A última quimera Companhia das Letras, 1995

Um bom reforço para leituras no ano de 2012, comemorativo do centenário de publicação do **EU**, de Augusto dos Anjos é este livro de Ana Miranda, **A última quimera**, que, por isso mesmo, merece uma reedição.

Isto porque, neste Século 21, são poucos os que conhecem os detalhes da aventura desumana que redundou em desastre e transformou em drama a vida do poeta Augusto dos Anjos.

Para os leitores que um dia tiveram nas mãos esse estranho e incompreensível livro – **EU** – o seu teor será mais estranho e mais emblemático ainda. Neste caso, o romance de Ana Miranda irá pacificar a sua mente, além de obrigá-lo a reler, uma vez mais e descobrindo novas perspectivas, um dos livros mais importantes e universais da poesia brasileira.

Partindo de um fato ocorrido após o falecimento de Augusto dos Anjos (o encontro casual entre dois amigos consternados e o

poeta Olavo Bilac, recém-chegado de Paris), a Autora transporta o leitor a uma retrospectiva labiríntica – mas com roteiro exato – percorrendo os fatos e dramas que antecederam e precederam a morte do poeta: o período trágico entre 1910 e 1914.

No romance **A última quimera**, os dois amigos da história original se fundem numa só pessoa, que é o próprio narrador:

"*Na madrugada da morte de Augusto dos Anjos caminho pela rua, pensativo, quando avisto Olavo Bilac saindo de uma confeitaria de fraque e calça xadrez, com bigodes encerados de pontas para cima e pincenê de ouro se equilibrando nas abas do nariz.*"

O fato é historicamente anedótico: o pragmatismo do poeta famoso ante as notícias sobre novos autores. Uma prevenção instintiva o alerta sobre o "perigo" e logo se transforma em autodefesa, que o protege, a seus pares e à corriola que o cerca. Informado do falecimento do poeta Augusto dos Anjos, Olavo Bilac, consagrado *Príncipe dos Poetas,* confessa ignorância sobre a pessoa e as obras do finado. E para conhecê-lo, pede informações e que lhe recitem algum poema dele.

Para ser um romance de cunho histórico e não apenas uma biografia, a autora recorre à ficção e acrescenta a carga dramática necessária. É neste ponto que Ana Miranda reelabora o fato e parte para a ficção: substitui o poema que foi recitado – "Versos a um coveiro" –, pelo magnífico soneto "Versos íntimos" que, junto com "Monólogo de uma sombra", é um dos mais queridos entre os fãs de Augusto dos Anjos.

Versos íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem que, nesta terra miserável,

Mora entre feras sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que afaga,
Escarra nessa boca que beija!

A história original, narrada por Francisco de Assis Barbosa na introdução da 29ª edição do **EU**, (Editora São José, 1963), conta o fato da seguinte maneira:

"A morte de Augusto dos Anjos, em 1914, teve pouca ou quase nenhuma repercussão na imprensa do Rio de Janeiro, a não ser pelo artigo de Antônio Tôrres, recordando o poeta com entusiasmo. (...) na Paraíba, como a reparar todo o mal que fizeram ao filho incompreendido, José Américo de Almeida escreveu o seu "Augusto dos Anjos no trigésimo dia do seu falecimento" (...)

*Por iniciativa de Orris Soares, seria publicada uma nova edição do **EU**, acrescida de poemas esparsos, em 1920. Até então, o poeta quedara esquecido, mesmo dos que o amavam, quando não completamente ignorado pelos donos da literatura. Dias depois da sua morte, ocorrida em Leopoldina, Orris Soares e Heitor Lima caminhavam pela Avenida Central [hoje Avenida Rio Branco] e pararam na porta da Casa Lopes Fernandes para cumprimentar Olavo Bilac. O Príncipe dos Poetas notou a tristeza dos dois amigos, que acabavam de receber a notícia.*

– E quem é esse Augusto dos Anjos? – perguntou.

Diante do espanto de seus interlocutores, Bilac insistiu:

– Grande poeta? Não o conheço. Nunca ouvi falar nesse nome. Sabem alguma coisa dele?"

Heitor Lima, que conhecia a fundo a obra do amigo Augusto dos Anjos, recitou o soneto

Versos a um coveiro

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros,
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a somar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais,

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

"*Bilac ouviu pacientemente, sem interrompê-lo. E, depois que o amigo terminou o último verso, sentenciou com um sorriso de superioridade:*

– Era este o poeta? Ah, então fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa".

Pode ser que a escolha do poema tenha sido infeliz – não era dos mais belos – que o tema, um tanto mórbido, causasse a reação intempestiva, um tanto sarcástica e fria de Olavo Bilac. Ou talvez o fato não tenha ocorrido e seja apenas de mais uma das muitas anedotas literárias que circulam por aí, atribuídas a muitos escritores, vivos e mortos.

O fato é que, com este gancho, Ana Miranda nos transporta – na voz de um narrador onipresente e onisciente – à brevíssima

residência do poeta no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ao nos indicar o caminho que atravessa toda a existência de Augusto dos Anjos, ultrapassando a própria morte, sinaliza um futuro menos áspero e mais glorioso.

Deixa, porém, um mistério: quem será o narrador que sabe "*de cor todos os versos de Augusto dos Anjos?*"

Quem será o companheiro "*do tempo em que éramos crianças e passávamos férias juntos, no Pau d'Arco?*"

Quem é a pessoa que encontra Bilac amiúde e ouviu dele o pedido de desculpas pelo que falou "*a respeito do poeta que morreu?*"

Quem será o autor do relato que viu guardado entre as mãos de Olavo Bilac um exemplar do **EU**, "*comprado no balcão de saldos da Livraria Garnier, a preço vil?*"

Quem será o narrador que na madrugada encontra uma jovem de vestido escuro, xale sobre os ombros, chapéu de feltro, expressão de alguém dotada de intensa e sofrida vida espiritual e sabe tudo sobre Augusto dos Anjos – que o parabeniza por ter sido "*eleito o Príncipe dos Poetas*" – título outorgado por eleição pública a Olavo Bilac?

Seja o quê for ou quem for Ana Miranda transformou-o em personagem que guarda um credo: a platônica paixão por Esther, esposa (e depois viúva) de Augusto dos Anjos, a quem não teve coragem de cortejar. Um professor de Leopoldina casou-se com a viúva *antes do defunto esfriar*, como se costuma dizer.

Ressabiado, ele relembra:

"*o* ***sujeito*** *com quem Esther se casou é o mesmo que espreitava sua casa e que a procurou para falar sobre a criação de um Grêmio Literário*"; que "*muitos condenaram o casamento*".

Da amada Esther, guarda ternas lembranças:

"*De manhã saía com os filhos a passear na praça; às vezes entrava na igreja e chorava, ajoelhada diante do altar*". Lembra também o "*pintor que passeava de tarde na linha do trem, Funchal Garcia, [que] fez um retrato a óleo de Esther, em roupas negras*".

Por fim, conclui amargurado:

"*Esther está grávida do quarto filho. Apenas lamento que não tenha se casado comigo*".

Um caso de amor de cunho passional, em que Esther guarda silenciosa aparência com Capitu, ou até mesmo com o *affair* de Ana, esposa de Euclides da Cunha, sem o desfecho trágico, claro...

A última quimera, de Ana Miranda, entre as comemorações dos **100** anos do **EU**, é um livro a ser lido.

Rio de Janeiro, Cachambi, 04 de janeiro de 2012.

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), reside no Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos/políticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte-1982; Folguedos, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1983; Erótica, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1984; 7 Canções-1987.

e-books (Salomão Rovedo):

Novelas: A Ilha, Chiara, Gardênia ; **Contos:** A apaixonada de Beethoven, A estrela ambulante , Arte de criar periquitos, O breve reinado das donzelas , O sonhador, Sonja Sonrisal; Ensaios: 3 x Gullar, Leituras & escrituras, O cometa e os cantadores / Orígenes Lessa personagem de cordel, Poesia de cordel: o poeta é sua essência, Quilombo, um auto de sangue, Viagem em torno de Cervantes; Poesia Maranhense: a Atenas Renascida; **Poesia:** 20 Poemas pornos, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks matutos, 7 Canções, Amaricanto, Amor a São Luís e Ódio, Anjo pornô, Bluesia, Caderno elementar, Erótica (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Espelho de Vênus, Glosas Escabrosas (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Mel, Pobres cantares, Porca elegia, Sentimental, Suíte Picassso; **Crônicas:** Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo, Diários do facebook, Escritos mofados; **Antologias:** Cancioneiro de Upsala (Tradução e notas), Meu caderno de Sylvia Plath (Cortes e recortes), Os sonetos de Abgar Renault (Antologia e ensaios), Stefan Zweig - Pensamentos e perfis (Seleção e ensaio).

e-books (Sá de João Pessoa):

Antologia de Cordel # 1, Antologia de Cordel # 2, Antologia de Cordel # 3, Antologia de Cordel # 4, Macunaíma em cordel, Por onde andou o cordel?.

Inéditos: Geleia de rosas para Hitler (Novela), Chiara (Romance); Stefan Zweig–A vida repartida (Ensaio).

Etc.: Folhetos de cordel com o pseudo Sá de João Pessoa; jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaboração esparsa: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), Jornal Pequeno (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas. Os e-books estão disponíveis em: www.dominiopublico.gov.br.

email: rovedod10@hotmail.com, rovedod10@yahoo.com.br
blog: http://salomaorovedo.blospot.com.br
Wikipedia; http://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o_Rovedo

Foto: Priscila Rovedo